



QUEM FALA QUANDO TRUMP DIZ “NÓS”? ESTRATÉGIAS RETÓRICAS, *ETHOS* E A DILATAÇÃO DO *EU*

Renan Paulo Bini – renan.bini@uesb.edu.br

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

<http://orcid.org/0000-0002-9076-6864>

RESUMO: Este artigo investiga as estratégias retóricas de construção de *ethos* por meio da Primeira Pessoa do Discurso (PPD) no discurso de posse presidencial de Donald Trump, proferido em 20 de janeiro de 2025. O objetivo é analisar como a PPD é mobilizada em marcas de construção de *ethos* do orador. A pesquisa ancora-se teoricamente nos fundamentos da Retórica clássica e da Nova Retórica, assim como em referenciais da Linguística Enunciativa e da Pragmática discursiva. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativo-quantitativa, composta por tabulação de ocorrências da PPD no *corpus* e posterior análise interpretativa dos recortes representativos, classificados em sete marcas de construção de *ethos*, conforme modelo teórico proposto por Bini (2023) e ampliado neste estudo com a identificação do *Plural de majestade*. Os resultados revelam que o *ethos* discursivo de Trump ancora-se em valores nacionalistas e expande-se por meio de estratégias linguísticas que reforçam autoridade, coletividade e excepcionalidade, com destaque para três marcas predominantes: o *Singular de exclusividade*, o *Plural de majestade* e o *Plural de indeterminação circunscrita de inclusão*. A análise contribui para a compreensão das formas como a PPD pode ser mobilizada em contextos políticos, na modalidade oral dialogada, para construir uma imagem de liderança carismática, amplamente identificada com o nacionalismo, oferecendo subsídios para futuras investigações sobre *ethos* político.

PALAVRAS-CHAVE: Retórica política; Ethos discursivo; Primeira Pessoa do Discurso.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem desempenha papel fundamental na construção do *ethos* em contextos argumentativos diversos, mobilizando diferentes estratégias retóricas para influenciar a percepção da audiência sobre o orador. O conceito de *ethos*, de origem aristotélica, refere-se à imagem de si mesmo que o orador projeta para sua audiência, buscando estabelecer credibilidade, autoridade e confiança. *Ethos* é uma das provas retóricas essenciais, juntamente com *pathos* (apelo emocional) e *logos* (argumentação lógica), e constitui uma ferramenta crucial para a eficácia da comunicação persuasiva (Aristóteles, 2017; Mosca, 2001; Bini; Sella, 2023a).

Estudos prévios, como a tese de Bini (2023), investigaram as funções retóricas da primeira pessoa do discurso (PPD), singular (PPS) e plural (PPP), em textos escritos, especificamente em dossiês especializados em cultura, literatura e filosofia, voltados a um público escolarizado. Bini (2023) demonstrou que a primeira pessoa do discurso permite a construção de *ethé* variados, por meio de sete marcas de construção de *ethos*, seja centrando-se exclusivamente na figura individual do produtor, seja articulando múltiplos grupos com diferentes graus de inclusão e exclusão. Além disso, constatou-se que

um orador pode ancorar estrategicamente seu *ethos* em grupos específicos ou generalizados, reforçando sua credibilidade perante diferentes audiências.

O presente artigo tem como objetivo investigar como a PPD é mobilizada em marcas de construção de *ethos* no discurso de posse presidencial de Donald Trump, proferido em 20 de janeiro de 2025. Assim, são avaliadas se as marcas retóricas de construção de *ethos*, propostas por Bini (2023), originalmente identificadas em textos escritos, aplicam-se também a discursos orais, particularmente no contexto político. Tal investigação responde diretamente a uma lacuna apontada por Bini (2023) em suas considerações finais, que sugerem a necessidade de ampliar o *corpus* para incluir discursos orais como objeto de futuras pesquisas. Para isso, selecionamos esse *corpus*, considerando que discursos políticos, sobretudo discursos de posse, são altamente elaborados, revisados e construídos estrategicamente para persuadir audiências diversificadas, com intenções argumentativas evidentes em cada escolha linguística.

Justifica-se esta análise pela relevância política e social que o discurso presidencial tem na construção da imagem pública do governante e na mobilização do apoio coletivo em torno de sua figura e suas propostas políticas. Metodologicamente, adotamos uma abordagem qualitativo-quantitativa, inicialmente realizando uma tabulação das ocorrências de elementos na primeira pessoa do discurso, seguida por análises qualitativas detalhadas de fragmentos representativos de cada categoria. Além das marcas retóricas já observadas por Bini (2023), verificamos neste artigo uma nova marca denominada *Plural de majestade*, identificada especificamente no contexto do discurso de Trump, para dar conta de um fenômeno que transcende o *Plural de modéstia* tradicional, caracterizando-se por ampliar significativamente a imagem do orador, em vez de atenuá-la.

Do ponto de vista teórico, esta pesquisa ancora-se nos fundamentos da Retórica clássica e da Nova Retórica, especialmente nas contribuições de Aristóteles (2017), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017) e Amossy (2016), além da linguística enunciativa, representada principalmente por Benveniste (1991), e estudos contemporâneos sobre *ethos*, como os realizados por Maingueneau (2016; 2020). Com este aporte teórico e metodológico, verifica-se a validade e a aplicabilidade das categorias retóricas da primeira pessoa do discurso propostas por Bini (2023) em contextos distintos, ampliando as possibilidades analíticas e contribuindo para o avanço dos estudos sobre *ethos* e retórica em textos e discursos políticos contemporâneos.

2 A PRIMEIRA PESSOA DO DISCURSO: CONSTRUÇÕES RETÓRICAS POSSÍVEIS

A Retórica, tradicionalmente compreendida como a arte da persuasão, tem suas raízes na filosofia clássica grega, especialmente nos estudos aristotélicos, sendo amplamente explorada ao longo da história nas práticas discursivas voltadas para influenciar e persuadir audiências diversas. De acordo com

Aristóteles (2017), a persuasão discursiva sustenta-se nas provas retóricas *ethos*, *pathos* e *logos*, que estruturam e direcionam o discurso para alcançar os objetivos argumentativos do produtor. O *ethos*, especificamente, refere-se à credibilidade atribuída ao orador pela audiência, e pode manifestar-se como *ethos prévio* (imagem anterior ao discurso), *discursivo* (construído durante o discurso) ou *dito de si mesmo* (autopromoção explícita no discurso) (Maingueneau, 2016; 2020). Este artigo não considera o *ethos prévio* por focalizar exclusivamente a interpretação semântico-pragmática das escolhas linguísticas no contexto específico da modalidade oral dialogada e suas respectivas funções retóricas.

Benveniste (1991), no âmbito da linguística enunciativa, discute as formas *inclusiva* e *exclusiva* do pronome *nós*, definindo o *nós inclusivo* como aquele que abrange a *pessoa subjetiva* (falante) e *pessoa não subjetiva* (ouvinte), enquanto o *nós exclusivo* se refere à *pessoa subjetiva* e terceiros ausentes do ato comunicativo (para o autor, a *não-pessoa: ele, ela, eles, elas*). Embora fundamentais, tais categorias, como demonstrado por Bini (2023), não são diretamente aplicáveis à análise retórica, já que são descrições essencialmente dêiticas.

Na perspectiva da Retórica, é necessário considerar como o orador utiliza a pessoa do discurso para influenciar e convencer uma audiência específica, em vez de considerar apenas a posição do pesquisador diante do grupo formado. Por exemplo, um pesquisador brasileiro, analisando o discurso de Trump, seguindo as categorias clássicas de Benveniste (1991), poderia classificar como *nós exclusivo* a estratégia discursiva de Trump ao construir grupos virtuais compostos por ele mesmo e pelo povo americano. Entretanto, do ponto de vista retórico, é crucial avaliar como o produtor utiliza essa construção linguística para persuadir diretamente sua audiência-alvo, que, neste caso, é justamente o povo americano, e não a posição externa do pesquisador frente aos grupos mencionados. Da mesma forma, se um presidente brasileiro utilizasse uma estratégia semelhante, construindo um grupo virtual formado por si mesmo e pelo povo brasileiro, um pesquisador brasileiro classificaria esse uso como *nós inclusivo*. Metodologicamente, porém, essa classificação também seria inadequada para a perspectiva retórica, já que a análise deve levar em conta o objetivo persuasivo específico do orador em relação à audiência, e não apenas a relação semântica objetiva identificada pelo pesquisador.

Proctor e Su (2011) ressaltam que o contexto externo desempenha um papel determinante no uso dos pronomes pessoais em discursos políticos, sugerindo que fatores como o local e a finalidade discursiva definem estratégias retóricas específicas. Em análises de entrevistas com políticos americanos, incluindo Hillary Clinton, Sarah Palin, Joe Biden e Barack Obama, ficou evidente que os mesmos tópicos eram abordados de formas distintas conforme o ambiente discursivo. Essa descoberta revela a necessidade de uma análise contextualizada dos elementos linguísticos, visto que os pronomes pessoais são mobilizados estrategicamente pelos oradores para adequar-se às expectativas das audiências específicas e aos objetivos comunicativos momentâneos.

Em perspectiva nacional, Costa (2011) também evidencia como o contexto influencia as escolhas retóricas ao analisar discursos eleitorais de Luiz Inácio Lula da Silva e Roberto Requião. A autora demonstrou que políticos brasileiros empregam as formas *eu* e *nós* estrategicamente, imprimindo diferentes máscaras sociais ou *ethos* conforme seus objetivos discursivos imediatos. Assim, o pronome *eu* pode servir para posicionar-se como um representante direto dos interesses populares, enquanto o pronome *nós*, inclusive na variante popular a gente, pode estabelecer proximidade, liderança coletiva e identificação com grupos específicos, como a classe trabalhadora. Tais estratégias destacam a flexibilidade retórica da primeira pessoa, reforçando a necessidade de uma análise sensível à intencionalidade persuasiva dos oradores.

Maurizi (2016) amplia a reflexão sobre o pronome *nós* em discursos políticos, argumentando que este pronome frequentemente funciona para consolidar sentimentos de pertencimento e para demarcar claramente as fronteiras ideológicas entre diferentes grupos sociais ou políticos. Esse mecanismo, que frequentemente coloca o *nós* em oposição ao *eles*, permite ao orador estabelecer uma identidade coletiva coesa e claramente definida, fortalecendo, assim, o sentimento grupal e aumentando a eficácia persuasiva do discurso. A definição de tais grupos também configura claramente quem pertence ao espaço político discursivo do orador, facilitando a identificação da audiência com suas propostas e visões de mundo.

Fowler e Kress (2019) salientam que os pronomes pessoais possuem múltiplas possibilidades retóricas, dependendo da intencionalidade comunicativa. A inclusão por meio da PPP pode estabelecer um vínculo direto e amplo com a audiência imediata, promovendo coesão grupal, enquanto a exclusão cria intencionalmente distanciamentos estratégicos entre o orador e determinados grupos externos ou internos, reforçando responsabilidades ou conquistas específicas. Esta abordagem evidencia ainda mais como a seleção pronominal não é apenas semântica, mas estrategicamente retórica, destinada a atingir objetivos comunicativos claramente definidos e adaptados às circunstâncias discursivas.

Por sua vez, Fauci (2016), discutindo o conceito aristotélico de animal político (*ζῷον πολιτικόν*), enfatiza a relevância do uso retórico da PPP como expressão máxima da sociabilidade humana e da natureza essencialmente política do discurso. Para Fauci, o *nós* representa uma ferramenta argumentativa altamente eficaz, capaz de assumir múltiplas máscaras sociais, cada uma adaptada para contextos discursivos específicos, sustentando diferentes representações de *ethos*.

Screti (2015) acrescenta que o *nós* frequentemente é mobilizado em discursos políticos e publicitários para fortalecer sentimentos nacionalistas e consolidar identidades coletivas, sendo também explorado para fins comerciais. Segundo o autor, a PPP constrói uma comunidade imaginada nacional, pois delimita claramente quem pertence ou não a determinado grupo nacional. A pesquisa de Scheibman (2004) complementa essa ideia ao mostrar como o uso retórico do pronome *nós* pode variar historicamente e culturalmente, exemplificando com o contexto russo, onde o significado do pronome

nós passou de um sentido associado ao Partido Comunista para um sentido mais tradicional e nacionalista sob a liderança de Putin.

Neste artigo, consideramos, principalmente, a proposta de Bini (2023), ao adaptar classificações de Benveniste (1991), Fiorin (1995, 1996), Lucchesi (2009), Manetti (2015), Fauci (2016), Fowler e Kress (2019) e Bini e Sella (2019), em que a construção do *ethos* pode ocorrer por meio de estratégias linguísticas que ancoram a credibilidade do orador a si mesmo (de forma ampliada ou atenuada), à audiência imediata, a grupos específicos externos, ou mesmo à universalidade, quando questões gerais são abordadas.

Bini (2023) identificou sete marcas principais de construção de *ethos* por meio da PPD. A primeira delas é o *Singular de exclusividade*, que se refere unicamente ao produtor. Considerando que a pesquisa de Bini (2023) verificou textos escritos, um exemplo simulado em discurso político poderia ser: “*Eu assumo total responsabilidade pelas decisões tomadas neste governo*”. Tal construção discursiva reforça o *ethos* de liderança forte, decisiva e pessoalmente responsável.

A segunda marca identificada por Bini (2023) e Bini e Sella (2024) é o *Plural de modéstia*, que se refere unicamente ao produtor, embora utilize a marca do plural. Um político poderia dizer: “*Estamos empenhados em melhorar continuamente nossos resultados*”. Aqui, a utilização do plural suaviza a individualidade e constrói um *ethos* mais humilde e colaborativo, apesar de estar centrado no orador.

O *Plural de inclusão* é a terceira marca, referindo-se ao produtor em conjunto com a audiência. Uma possível formulação seria: “*Nós precisamos unir forças para enfrentar esses desafios*”. Este tipo de discurso cria um *ethos* solidário e inclusivo, buscando promover a identificação entre orador e audiência. De modo oposto, a quarta marca, o *Plural de exclusão*, refere-se à exclusão da audiência com relação à junção do produtor e participantes virtuais. Um exemplo ilustrativo seria: “*Nós do governo tomamos decisões difíceis para garantir o futuro da nação*”. Tal uso estabelece um *ethos* de autoridade e responsabilidade institucional, separando claramente o grupo governamental do público em geral.

O *Plural de indeterminação circunscrita de inclusão*, quinta marca identificada, refere-se ao produtor, audiência e participantes indeterminados circunscritos. Um político poderia afirmar: “*Nós, enquanto sociedade, enfrentamos graves desafios econômicos e sociais*”. Essa estratégia retórica constrói um *ethos* abrangente e comunitário, reforçando a sensação de pertencimento coletivo. Bini e Sella (2023b) demonstraram que um uso recorrente dessa marca de construção de *ethos* é o *nós da nação*, quando o sentimento de nacionalismo é explorado para a construção de uma comunidade que compartilha valores e um propósito.

A sexta marca, *Plural de indeterminação circunscrita de exclusão*, refere-se ao produtor mais participantes indeterminados circunscritos, excluindo diretamente a audiência. Uma ilustração possível seria: “*Nós, futuros membros desta comissão, analisaremos cuidadosamente todas as propostas*”. Aqui, em um grupo em que ainda não é possível precisar seus componentes, nota-se uma tentativa de construção de *ethos*

técnico, especializado e delimitado a um grupo específico, afastando a audiência direta da responsabilidade decisória.

A sétima marca é o *Plural de indeterminação universal*, que abrange o produtor, a audiência e generalizações amplas. Uma declaração simulada poderia ser: “Se *trabalharmos* juntos, *podemos* superar qualquer obstáculo”. Tal construção promove um *ethos* universalizante, idealista e inspirador, apelando a valores gerais compartilhados pela humanidade. Sobre esta marca, Bini (2024) demonstrou que este plural se refere a um coletivo muito maior e abstrato do que quem fala + um grupo específico, contemplando toda a humanidade ou uma fração extremamente ampla dela, presente ou não no contexto imediato de fala.

As análises do discurso de posse de Trump, contudo, evidenciaram mais uma marca de construção de *ethos*, além das descritas por Bini (2023), similar ao *Plural de modéstia*, uma vez que se trata de embreagem actancial da mesma forma, ou seja, refere-se única e exclusivamente ao produtor (Fiorin, 1995). Entretanto, causa um efeito retórico oposto, em que, ao invés da modéstia ou atenuação, ocorre uma dilatação e ampliação desse *eu*, caracterizando o *Plural de majestade*, função amplamente descrita nas gramáticas de cunho prescritivo, no qual o *eu* se amplia em uma figura mais solene e imponente. Sobre essa marca, Cunha e Cintra (2017) ressaltam que era originalmente uma fórmula de modéstia que evoluiu para uma expressão de grandeza e autoridade, usada historicamente por reis e dignitários religiosos.

Diferentemente do *Plural de modéstia*, que busca evitar o tom impositivo ou muito pessoal das opiniões do orador, o *Plural de majestade* realça a autoridade e a importância do emissor. Segundo Maurizi (2016), enquanto o *Plural de modéstia* é uma estratégia autoral para promover uma imagem de humildade e colaboração, o *Plural de majestade* serve como um recurso retórico para exaltar o falante, atribuindo-lhe uma dimensão ampliada e majestosa, reforçando sua autoridade absoluta no contexto discursivo.

A utilização do *Plural de majestade*, como demonstrado por Cunha e Cintra (2017), está em desuso contemporaneamente, sendo agora percebida mais frequentemente como uma hipérbole da autoridade do orador. Fiorin (1995) enfatiza que esses usos são mecanismos de embreagem actancial, no qual o *eu* pode ser amplificado conforme a situação discursiva e o tipo textual. Para Fiorin, o plural majestático aparece especialmente em discursos solenes e oficiais proferidos por autoridades civis e religiosas, enquanto o plural de modéstia é mais frequente em contextos acadêmicos e literários, onde o orador busca minimizar a pessoalidade do discurso.

Em síntese, a primeira pessoa do discurso demonstra-se um recurso linguístico de ampla flexibilidade retórica, cuja mobilização estratégica pode projetar distintos *ethé* diante de audiências variadas. Seja por meio do *Singular de exclusividade*, dos plurais de *modéstia*, *majestade*, *inclusão*, *exclusão* ou *indeterminação*, evidencia-se uma sofisticada capacidade argumentativa na seleção da pessoa discursiva pelo orador, especialmente em contextos políticos.

3 ANÁLISES E DISCUSSÕES

O discurso selecionado como *corpus* para esta pesquisa é o pronunciamento proferido por Donald Trump durante sua cerimônia de posse como presidente dos Estados Unidos da América, em 20 de janeiro de 2025, na Rotunda do Capitólio, em Washington, DC, que foi gravado, transcrito, traduzido e publicado pela CNN (2025)¹. Trata-se de um discurso cuidadosamente elaborado, proferido em uma ocasião de alto simbolismo político, em que cada escolha linguística apresenta uma intencionalidade retórica evidente e direcionada à construção de um *ethos* específico. Com duração aproximada de 30 minutos, o discurso marca o retorno de Trump à presidência, após uma disputa eleitoral acirrada, refletindo em seu conteúdo tanto uma celebração do início de uma suposta “era de ouro” para os Estados Unidos, quanto uma contundente crítica ao governo anterior e às políticas vigentes até então.

Do ponto de vista macro retórico, o discurso se organiza em torno de uma estrutura claramente polarizada entre crítica e promessa. Inicialmente, Trump apresenta um diagnóstico sobre a situação política, econômica e social dos Estados Unidos, apontando problemas como corrupção institucional, incompetência governamental, crise migratória, enfraquecimento das fronteiras e decadência moral. Esse quadro pessimista, utilizado retoricamente para justificar a necessidade urgente de mudanças drásticas, estabelece o contexto argumentativo necessário para introduzir propostas específicas, como a declaração de emergências nacionais na fronteira sul e energética, a retomada do controle sobre o Canal do Panamá e a suspensão de políticas anteriores associadas ao Green New Deal.

Outra dimensão importante desse discurso é a constante construção da imagem de Trump como líder excepcional, investido de uma missão quase providencial. Tal *ethos* é amplificado explicitamente pela referência a uma tentativa recente de assassinato, em que Trump afirma que foi salvo por Deus com o propósito específico de tornar a América grande novamente. Este elemento narrativo não só reforça a percepção de heroísmo e predestinação, mas também estabelece uma conexão emocional e simbólica muito forte com a audiência, criando um *ethos* de autoridade moral e coragem inabalável diante das adversidades.

Além disso, o discurso emprega estrategicamente o sentimento nacionalista como uma poderosa ferramenta retórica. Trump mobiliza com frequência a PPD, articulando uma identidade coletiva que engloba a audiência e constrói um sentimento amplo de unidade nacional. Contudo, observa-se também o uso recorrente de uma estratégia de exclusão, na qual são identificados claramente os inimigos internos e externos, definidos como um *establishment* corrupto e grupos estrangeiros. A construção desses

¹ O discurso completo pode ser lido em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eleicoes-nos-eua-2024/leia-o-discurso-de-posse-de-donald-trump-na-integra/>

adversários discursivos serve para fortalecer a unidade interna e para justificar medidas políticas rigorosas e um *ethos* de liderança forte e intransigente entre o público-alvo.

A promessa de um futuro glorioso e excepcional para a América, sintetizado pela expressão “era de ouro”, funciona como uma estratégia de fechamento retórico que visa criar expectativas otimistas e mobilizar emocionalmente a audiência. Essa estratégia de projeção do futuro, associada à promessa de recuperação da grandeza perdida, desempenha um papel central na eficácia argumentativa do discurso, consolidando uma narrativa de esperança e renovação nacional. Assim, o discurso de posse de Trump se revela uma peça retórica complexa e altamente intencional, marcada por uma combinação sofisticada de críticas, promessas, nacionalismo e construção estratégica de *ethos*.

Todas as ocorrências da PPD presentes no discurso de posse de Donald Trump foram cuidadosamente tabuladas e analisadas, totalizando 210 ocorrências, entre pronomes e verbos flexionados na PPS e na PPP. Dessas ocorrências, 57 correspondem à PPS, caracterizando o uso do *Singular de exclusividade*, enquanto as demais 153 correspondem à PPP, o que evidencia claramente a importância retórica atribuída ao plural na construção argumentativa do discurso analisado. Essas ocorrências no plural foram desdobradas em seis marcas distintas de construção de *ethos*, conforme apresentado detalhadamente no Quadro 1, que sintetiza os resultados obtidos da análise em nível linguístico. Considerando o número expressivo de ocorrências linguísticas, para ilustração dos fenômenos, foram selecionados recortes textuais representativos para a classificação dos fenômenos retóricos.

Quadro 1 – Marcas de construção de *ethos* na PPS e PPP

Marca Linguística	Composição	Número de ocorrências	Exemplo do <i>corpus</i>	Efeito retórico
<i>Singular de Exclusividade</i>	Produtor do discurso	57	“Durante cada dia do governo Trump, colocarei a América em primeiro lugar”.	Constrói um <i>ethos</i> de liderança forte, exclusivo e decidido, reforçando a autoridade individual do orador.
<i>Plural de Majestade</i>	Produtor, mas com ampliação da imagem e da autoridade do indivíduo	40	“[...] tivemos uma vitória poderosa em todos os sete estados-pêndulo e no voto popular, ganhamos por milhões de pessoas”.	Amplia retoricamente a imagem de Trump, conferindo-lhe autoridade quase majestática e suprema.
<i>Plural de Inclusão</i>	Produtor + audiência imediata	2	“Enquanto nos reunimos hoje, nosso governo enfrenta uma crise de confiança”.	Projeta uma imagem de liderança de Trump com relação aos políticos presentes na cerimônia, no Capitólio.
<i>Plural de exclusão</i>	Exclusão da audiência, com junção do produtor + participantes virtuais	4	“sob nostra administração de patriotas americanos, trabalharemos para enfrentar cada crise com dignidade, poder e força”.	Valoriza a coletividade que integrará a gestão do partido Republicano.
<i>Plural de Indeterminação</i>	Produtor + audiência imediata + participantes	94	“ Nosso país não pode mais fornecer serviços básicos”.	Mobiliza coletivamente a audiência para enfrentar problemas comuns,

Circunscrita de inclusão	indeterminados circunscritos			estabelecendo um <i>ethos</i> de compromisso coletivo.
Plural de Indeterminação Circunscrita de exclusão	Produtor + participantes indeterminados circunscritos	10	“Aqueles que desejam impedir nossa causa [...]”	Cria um <i>ethos</i> que ressoa com simpatizantes ideológicos, integrantes da <i>doxa</i> trumpista.
Plural de Indeterminação Universal	Produtor + audiência + generalização ampla, universal	3	“[...] nosso Deus. Não podemos fazer isso.	Cria um <i>ethos</i> universalizante, apelando a valores comuns e inspirando sentimentos de grandeza coletiva.

Fonte: Elaborado pelo autor

No discurso de posse analisado, as ocorrências da PPD demonstram uma construção estratégica do *ethos*, ancorada tanto na singularidade quanto em distintas configurações do plural. Ao observarmos as marcas linguísticas empregadas por Trump, notam-se diferentes marcas de construção de *ethos*, com propósitos retóricos bastante definidos.

No *Singular de exclusividade*, que aparece, por exemplo, na afirmação contundente: “Durante cada dia do governo Trump, **colocarei** a América em primeiro lugar”. Essa construção do *ethos* revela-se fortemente centralizadora e individualizante, apresentando Trump como um agente exclusivo das mudanças prometidas, assumindo para si a autoridade e a responsabilidade das decisões futuras. Observa-se, assim, um *ethos* assertivo, caracterizado por uma autoconfiança pronunciada e uma clara delimitação de autoridade. O uso desse recurso também é notado em outro momento relevante: “**Retorno** à Presidência confiante e otimista”, que enfatiza sua experiência pessoal anterior como presidente, projetando uma imagem que reforça a ideia de liderança consolidada pela experiência prévia e, portanto, legítima e confiável. Essa construção retórica do *eu* reafirma a centralidade de Trump na construção de um discurso que o imprime como protagonista único e indispensável para as transformações anunciadas.

No que se refere ao plural, observam-se diferentes estratégias linguísticas que constroem *ethé* variados. Se, por um lado, o *Plural de modéstia* é inexistente no *corpus*, por outro lado, Trump emprega uma modalidade específica e significativa: o *Plural de majestade*. Tal construção fica evidente em diversas afirmações, como: “**Restauraremos** imediatamente a integridade, competência e lealdade do governo da América”. Aqui, embora utilize o plural “**restauraremos**”, Trump não busca diluir sua imagem ou diminuir sua responsabilidade, mas ao contrário, amplificar sua própria imagem individualizada, utilizando o plural de modo a criar uma imagem dilatada de si mesmo, como alguém dotado de autoridade ampliada e quase majestática, capaz de operar transformações radicais por decisão e iniciativa próprias. Esse uso retórico sustenta uma imagem de líder supremo, com poder praticamente absoluto, conferindo ao *ethos* do orador uma aura de grandeza e relevância histórica.

O *Plural de inclusão*, ou sejam construções retóricas que integrem apenas a audiência imediata (autoridades presentes no Capitólio), é residual com relação às demais estratégias. Sua utilização aparece

em momentos em que Trump se dirige diretamente aos presentes na cerimônia, como em “Enquanto **nos reunimos** hoje, **nosso** governo enfrenta uma crise de confiança”. Nesse trecho, a audiência imediata é convocada como parte ativa da enunciação, construindo um *ethos* de colaboração institucional, ainda que restrito ao núcleo político reunido no Capitólio. Nota-se, contudo, que essa estratégia retórica é pouco explorada, revelando uma preferência de Trump por posicionar-se como figura autônoma ou como líder de grandes coletivos nacionais e ideológicos, em detrimento de vínculos discursivos com autoridades específicas ou audiências restritas.

O *Plural de exclusão* aparece em quatro ocasiões, com exemplos como “sob **nostra** administração de patriotas americanos, **trabalharemos** para enfrentar cada crise com dignidade, poder e força”. Nessa construção, a audiência presente é excluída da composição do grupo “**nós**”, que remete ao governo, equipe ou bloco ideológico que acompanhará Trump durante o mandato. Essa delimitação estratégica serve para consolidar um *ethos* institucional, de liderança executiva, e ao mesmo tempo isola o núcleo decisório dos cidadãos comuns, reforçando a ideia de que há um grupo legitimado, preparado e ideologicamente alinhado ao orador, em contraposição a outros segmentos do país. A exclusão também funciona como uma forma de reforçar a hierarquia entre governantes e governados, atribuindo ao primeiro grupo a prerrogativa da ação política e estratégica.

A marca mais recorrente no discurso é o *Plural de indeterminação circunscrita de inclusão*, o que revela sua centralidade na construção argumentativa de Trump. Esse tipo de construção, como exemplificado em “O espírito da fronteira está escrito em **nostros** corações. O chamado da próxima grande aventura ressoa de dentro de **nostras** almas. **Nossos** ancestrais americanos transformaram um pequeno grupo de colônias na borda de um vasto continente em uma poderosa república dos cidadãos mais extraordinários da Terra”, mobiliza um coletivo amplo, que inclui tanto a audiência quanto participantes generalizáveis, como os cidadãos americanos em geral, incluindo americanos já falecidos e ainda não nascidos. Essa estratégia permite a construção de um *ethos* patriótico e solidário, ao mesmo tempo em que naturaliza as propostas políticas apresentadas como demandas de uma coletividade unificada e atemporal. Há, portanto, uma tentativa de dissolver a distância entre orador e público, posicionando Trump como voz legítima da nação que compartilha problemas, valores e esperanças, ainda que esse *nós* seja uma construção ideológica e retórica.

O *Plural de indeterminação circunscrita de exclusão* desempenha uma função distinta e complementar ao plural anterior. Um exemplo representativo é: “Aqueles que desejam impedir **nostra** causa [...]”. Nesse caso, “**nostra**” refere-se ao grupo ideológico que sustenta o discurso de Trump – seus eleitores, apoiadores, e os valores que esses grupos representam. A audiência geral é excluída da referência direta, e o *ethos* construído é o de um líder que representa uma frente de resistência diante de forças contrárias e ameaçadoras. Essa oposição implícita a um “outro” político, frequentemente caracterizado como

desonesto, incompetente ou contrário aos valores nacionais, permite ao orador legitimar seus posicionamentos e medidas com base em uma suposta defesa da integridade moral e política do país.

Já o *Plural de indeterminação universal* é utilizado de maneira mais esparsa, mas exerce papel estratégico importante ao recorrer a valores e princípios amplamente compartilháveis. Em “**nosso** Deus. Não **podemos** fazer isso”, por exemplo, a construção linguística transcende o contexto nacional e político imediato, invocando uma identidade moral e religiosa comum. O *ethos* mobilizado por esse uso é universalizante e inspirador, característico de discursos que pretendem apelar a sentimentos elevados, como fé, liberdade e dignidade humana. Esse tipo de plural opera simbolicamente para alinhar o orador a valores transcendentais, construindo uma imagem de liderança iluminada, conectada a princípios éticos amplos e atemporais.

Embora o enfoque principal deste artigo seja de natureza qualitativa e interpretativa, a observação quantitativa das ocorrências linguísticas oferece subsídios relevantes para a compreensão da imagem que o orador busca projetar. Das 210 ocorrências da PPP, 57 estão no singular, correspondendo a 27% do total, e 153 estão no plural, perfazendo 73%. Esses dados evidenciam uma preferência retórica marcante pelo uso do plural, o que revela uma tentativa deliberada de construir imagens de coletividade, pertencimento ou autoridade expandida. A expressiva frequência do *Plural de indeterminação circunscrita de inclusão*, com 94 ocorrências (cerca de 45% do total da PPP), indica que o *ethos* que Trump mais recorre ao longo do discurso é aquele fundado em uma ideia de coletividade nacional ampla, evocando um sentimento de identidade partilhada com o povo americano e legitimando suas propostas a partir de um pertencimento simbólico.

Em segundo lugar, com 40 ocorrências (aproximadamente 19% da PPP), está o *Plural de majestade*, cuja recorrência evidencia o desejo de projetar um *ethos* engrandecido, superior, investido de poder e autoridade quase absolutas. A existência de apenas 2 ocorrências do *Plural de inclusão* (1%) e 4 do *Plural de exclusão* (2%) mostra que Trump evita, de maneira clara, limitar seu interlocutor imediato à audiência presente, preferindo construir identidades discursivas que transcendam o espaço físico do discurso. As demais marcas – *Plural de indeterminação circunscrita de exclusão* (10 ocorrências, 5%) e *Plural de indeterminação universal* (3 ocorrências, 1,4%) – embora menos frequentes, possuem papel estratégico, reforçando clivagens ideológicas ou valores transcendentais. A distribuição dos dados, portanto, além de ilustrar a diversidade retórica da PPP, revela a construção de um *ethos* voltado à nacionalização do discurso, à projeção de autoridade pessoal dilatada e à ancoragem do orador como voz da coletividade, da fé e do destino da nação americana.

Quando se analisa qualitativamente o conjunto das estratégias, torna-se evidente que o *ethos* predominante no discurso é a projeção, por parte do articulista, de um líder nacional forte e decisivo, que se posiciona acima dos conflitos e das dificuldades, guiando a nação por um caminho de restauração e

grandeza. A combinação do *Singular de exclusividade* com o *Plural de majestade* e o *Plural de indeterminação circunscrita de inclusão* reforça uma imagem de poder concentrado, autoridade incontestável e coesão nacional liderada pelo próprio orador. As estratégias linguísticas mobilizadas convergem para um *ethos* de excepcionalidade, caracterizado pela autoridade incontestada, a capacidade singular para resolver crises nacionais e internacionais, e pela projeção de um poder amplo e quase ilimitado para realizar mudanças profundas e abrangentes na sociedade americana. Tal construção do *ethos* visa claramente fortalecer a imagem pública de Trump enquanto líder não apenas político, mas simbólico e carismático, capaz de personificar em sua própria figura o destino coletivo da nação.

Importa ressaltar, contudo, que a presente análise se restringe à construção do *ethos* discursivo tal como projetado nas marcas linguísticas empregadas ao longo do pronunciamento, sem considerar os efeitos retóricos efetivamente produzidos ou os impactos concretos da performance retórica junto às audiências reais. Para avaliar o *ethos* conquistado – ou seja, a imagem efetivamente percebida e validada pelos interlocutores – seria necessário recorrer a métodos empíricos, como entrevistas, enquetes e questionários aplicados a diferentes segmentos do público, possibilitando a verificação das múltiplas recepções ao discurso. Considerando o contexto altamente polarizado da política norte-americana, é plausível hipotetizar que as reações ao discurso de Trump sejam discrepantes e determinadas por fatores como filiação partidária, gênero, idade, profissão, classe social, etnia, escolaridade ou localização geográfica, todos elementos que constituem *doxas* distintas. Tais *doxas* influenciam diretamente a avaliação do *ethos* prévio do orador – isto é, a imagem anterior ao discurso, que foi deliberadamente deixada de fora do escopo desta investigação. Assim, o foco do estudo centrou-se exclusivamente nas formas linguísticas mobilizadas para produzir efeitos persuasivos e na configuração projetada de um *ethos*, deixando em aberto, para estudos futuros, a análise da recepção e da eficácia persuasiva junto ao público.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo analisou como a PPD, em especial a PPP e a PPS, é mobilizada retoricamente no discurso político para a construção de diferentes *ethé*, tomando como *corpus* o discurso de posse do presidente norte-americano Donald Trump, proferido em 20 de janeiro de 2025. A análise do *corpus* concentrou-se na identificação e classificação de sete marcas principais de construção de *ethos*, com base em estudos recentes (Bini, 2023; Bini; Sella, 2024), além da identificação de uma oitava marca – o *Plural de majestade* – que não constava nas classificações anteriores. As ocorrências foram tabuladas, classificadas e analisadas quanto ao seu efeito retórico.

Os resultados demonstraram que o discurso de Trump se ancora fortemente na PPD, em especial no uso do *Plural de indeterminação circunscrita de inclusão*, do *Plural de majestade* e do *Singular de exclusividade*.

Essas estratégias revelam a tentativa de construção de um *ethos* dominante, concentrador de autoridade e legitimidade, ao mesmo tempo em que evoca coletividades amplas e idealizadas como suporte para seus posicionamentos. Trata-se de um *ethos* que foge aos modelos mais tradicionais de modéstia ou de identificação horizontal com a audiência, privilegiando antes a construção de uma imagem carismática, quase providencial, que se apresenta como única capaz de liderar a nação rumo a um novo tempo. A análise estatística, ainda que secundária neste estudo, permitiu reforçar essa constatação, ao mostrar a predominância significativa dessas três marcas em detrimento de outras formas de mobilização da PPD.

Tais resultados contrastam com boa parte das pesquisas anteriores sobre o uso da primeira pessoa do plural no discurso político, que comumente associam a PPP à construção de imagens de modéstia, proximidade ou solidariedade com a audiência – como exemplificado por autores que analisaram figuras públicas de orientação liberal, a exemplo de Margaret Thatcher. No caso do discurso trumpista, observa-se um desvio dessa expectativa: em vez de atenuar o *eu*, a PPP amplifica a figura do orador, ora projetando um líder forte e quase majestático, ora articulando coletivos abstratos e ideologicamente alinhados ao seu projeto político. Essa mudança pode estar associada à ascensão de discursos populistas de extrema-direita, que têm explorado a linguagem da autoridade e da excepcionalidade em contextos altamente polarizados. Nesse sentido, investigações futuras poderiam explorar a relação entre a construção do *ethos* em líderes da nova direita e o papel desempenhado pelos algoritmos de redes sociais no reforço de discursos que favorecem figuras autoproclamadas como únicas salvadoras da pátria.

Como fragilidade deste estudo, destaca-se a limitação inerente ao enfoque exclusivamente discursivo e textual, que não considera a recepção concreta das audiências e tampouco aprofunda os impactos sociopolíticos do discurso analisado. Além disso, ao concentrar-se em um único discurso e em uma figura política específica, os resultados não podem ser generalizados para outros contextos geográficos ou ideológicos. Pesquisas futuras poderiam expandir o *corpus* para discursos de outros líderes políticos, tanto da direita quanto da esquerda, bem como incorporar metodologias empíricas para avaliar a recepção dos discursos, suas ressonâncias afetivas e seus desdobramentos nos ambientes digitais mediados por algoritmos. Ainda assim, o presente estudo contribui para ampliar o entendimento sobre o papel da PPD na construção do *ethos* político contemporâneo, abrindo caminhos para análises mais abrangentes sobre linguagem, poder e persuasão em tempos de crise e transformação.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução, textos adicionados e notas de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2017.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 3. ed. Campinas: Pontes, 1991.

BINI, R. P. *Eu (e nós) proteano: funções retóricas da primeira pessoa do discurso e a construção de ethos em dossiês das revistas Cult e Nova Águia*. 2023. 360f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2023.

BINI, R. P. Do gênero para a espécie: usos do Plural de Indeterminação Universal. *Revista Latinoamericana De Estudios Del Discurso*, 24(2), 2024, 160–176.

BINI, R. P.; SELLA, A. F. Plural de modéstia em sujeito oculto: marca de constituição atenuada da proeminência autoral. *Revista de Filología y Lingüística*, Vol. 50, Núm. 1, e57628, 2024.

BINI, R. P.; SELLA, A. F. Nós da nação: a busca pela adesão da audiência por meio do pathos nacionalista em dossiês das revistas Cult (Brasil) e Nova Águia (Portugal). *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 2023a.

BINI, R. P. SELLA, A. F. *Retórica e ensino: estratégias de transposição teórica*. Pedro & João Editores, 2023b.

COSTA, S. B. *Dois trajetórias políticas, duas personas: o emprego de dêixis de primeira pessoa em discurso de palanque*. 2011. 234f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 2011.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

FAUCI, N. L. *Noi, persona politica*. In: ASSOCIAZIONE PER LA STORIA DELLA LINGUA ITALIANA (ASLI). *L'italiano della politica e la politica per l'italiano*. Napoli: Franco Cesati Editore, 2016. p. 387-400.

FIORIN, J. L. A pessoa subvertida. *Língua e Literatura*, n. 21, p. 77-107, 1995.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

FOWLER, R.; KRESS, G. *Critical linguistics*. FOWLER, R.; HODGE, B.; KRESS, G.; TREW, T. *Language and control*. New York: Routledge, 2019.

LUCCHESI, D. A representação da primeira pessoa do plural. LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 69-92.

MANETTI, G. Il noi tra enunciazione, indessicalità e funzionalismo. JANNER, M. C.; COSTANZA, M. A. D.; SUTERMEISTER, P. (org.). *Noi, Nous, Nosotros: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos*. Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales, 2015.

MAURIZI, B. *La prima persona plurale nei discorsi dei politici italiani: dalla prima alla seconda Repubblica*. 129f. 2017. Tese apresentada ao Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari, da Università degli Studi di Padova.

MOSCA, L. L. S. *Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos*. In: MOSCA, L. L. S. *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 2001.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

PROCTOR, K.; SU, L. I. W. The 1st person plural in political discourse: American politicians in interviews and in a debate. *Journal of Pragmatics*, 43, 2011, p. 3251–3266.

SCHEIBMAN, J. Inclusive and Exclusive Patterning of the English First Person Plural: Evidence from Conversation. In: ACHARD, M.; KEMMER, S. (org.). *Language, Culture, and Mind*. Stanford: CSLI Publications, 2004.

SCRETI, F. Noi: Il pronome della nazione. JANNER, M. C.; COSTANZA, M. A. D.; SUTERMEISTER, P. (org.). *Noi, Nous, Nosotros: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos*. Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales, 2015.

Title

Who speaks when Trump says “we”? rhetorical strategies, ethos, and the expansion of the self.

Abstract

This article investigates the rhetorical strategies of ethos construction through the First Person Discourse (FPD) in the presidential inaugural speech of Donald Trump, delivered on January 20, 2025. The objective is to analyze how the FPD is mobilized through specific markers of ethos construction by the speaker. The research is theoretically grounded in the principles of Classical and New Rhetoric, as well as in frameworks from Enunciative Linguistics and Discursive Pragmatics. Methodologically, a qualitative-quantitative approach is adopted, involving the tabulation of FPD occurrences in the corpus followed by interpretative analysis of representative excerpts, classified into seven markers of ethos construction, according to the theoretical model proposed by Bini (2023) and expanded in this study with the identification of the Majestic Plural. The results show that Trump’s discursive ethos is anchored in nationalist values and is expanded through linguistic strategies that reinforce authority, collectivity, and exceptionality. Three markers stand out as predominant: the Singular of Exclusivity, the Majestic Plural, and the Circumscribed Indeterminate Inclusive Plural. The analysis contributes to the understanding of how the FPD can be strategically mobilized in political contexts, particularly in oral dialogic modality, to build an image of charismatic leadership strongly associated with nationalism, offering insights for future research on political ethos.

Keywords

Political rhetoric; Discursive ethos; First person of discourse.

Recebido em: 07/04/2025

Aceito em: 22/04/2025